

ANÁLISE DOS IMPACTOS DA COVID-19 NOS RESULTADOS DAS CINCO MAIORES INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS DO BRASIL

IGOR FARIA DE ARAÚJO
Universidade Federal de São Paulo

SIMONE ALVES DA COSTA
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

A pandemia de SARS-COV-2, cujo estopim remonta a março de 2020, gerou impactos negativos em diversos âmbitos, como sociais, sanitários, econômicos e financeiros. Grandes instituições financeiras, responsáveis pela promoção do crédito, deste modo intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento econômico, não fugiram aos seus efeitos, e sofreram, direta ou indiretamente, impactos. O objetivo deste trabalho foi analisar os impactos da crise sanitária causada pela COVID-19 nos resultados das maiores instituições de crédito brasileiras durante os anos de 2020 e 2021. Sob a ótica das maiores instituições creditícias brasileiras em termos de concentração de crédito, observando-se sua relevância para a sociedade, o estudo analisou os impactos da pandemia sobre o ROE, ROA e Índice de Basileia destas instituições. Neste intuito, extraiu-se, dos relatórios financeiros de cada instituição analisada (Banco Itaú, Banco Bradesco, Banco do Brasil e Banco Santander), para os períodos de 2016 a 2021. Então, aplicou-se o teste *t de Student* para verificar possíveis diferenças de médias entre informações observadas no período analisado. Concluiu-se que os indicadores ROE e ROA não apresentaram diferenças estatisticamente relevantes entre os períodos para nenhuma empresa, enquanto o Índice de Basileia apresentou diferenças de médias, à significância de 1%, para os Bancos Itaú, Bradesco e Santander.

Palavras-chaves: Indicadores Financeiros, COVID-19, análise financeira, instituições de crédito, impactos.

1. INTRODUÇÃO

Os bancos, ou instituições financeiras bancárias, são entidades especializadas na intermediação financeira, o que consiste na relação entre os agentes econômicos superavitários (poupadores) e os deficitários (tomadores de recursos). Assim, essas instituições buscam atender às necessidades de ambos os tipos de agentes econômicos, fazendo o papel de captar e guardar, além de fornecer recursos monetários para demandantes, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento econômico da sociedade. (ASSAF NETO, 2018).

O conceito de crédito - principal produto do banco -, por sua vez, de acordo com Rolo (2000), retoma ainda à época anterior ao nascimento de Cristo. Há registro de templos religiosos que emprestavam bens de consumo, tendo direitos de colheita e posse de cereais de alguns fiéis. Já se via a necessidade de intermediação de recursos entre agentes superavitários e deficitários àquela época, o que se intensificou através dos anos com o desenvolvimento da sociedade e sua consequente complexidade, culminando no desenvolvimento dos sistemas de intermediação financeira que, segundo Assaf Neto (2018), são presentes de maneira sólida e diversificada em economias mais desenvolvidas. Ele ressalta, ainda, que a presença dos mecanismos de intermediação financeira é de suma importância para o bem-estar econômico de um país.

Tal intermediação, no Brasil, de acordo com o último Relatório da Economia Bancária, publicado pelo Banco Central do Brasil (2021), está em grande parte centrada em poucas instituições financeiras em termos de crédito. Ele aponta que a participação de mercado de tais entidades sobre o estoque de crédito distribuído às pessoas físicas totalizou 77,5% em dezembro de 2020, realidade composta por apenas 5 instituições: Caixa Econômica Federal (27%), Banco do Brasil (17,4%), Itaú Unibanco (11,9%), Banco Bradesco (11,2%) e Banco Santander (10%). A concentração bancária demonstra o quão dependente a sociedade brasileira se faz de poucas instituições financeiras, denotando a importância do acompanhamento adequado das finanças dessas companhias.

É possível verificar, de acordo com o exposto, a importância das instituições financeiras bancárias para uma sociedade. Em 2020, contudo, um acontecimento em escala global afetou diretamente o desempenho econômico, levando a mudanças drásticas nas operações de diversas empresas e no orçamento do governo: o alastramento da doença Sars-Cov-2, também conhecida como COVID-19. Segundo Moreira e Pinheiro (2020), a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no dia onze de março de 2020, estado de pandemia, caracterizada por Qiu et al. (2017) como uma eclosão de doença generalizada, resultante da propagação infecciosa entre seres humanos, doença essa que inclui características-chave como extensão geográfica, fator novidade, severidade, altas taxas de ataque, entre outras.

Qiu et al. (2017) já ressaltavam que uma pandemia poderia representar uma série de ameaças não só para a saúde da população mundial, mas também, para sua economia. Isso pode ocorrer, por exemplo, por meio de custos diretos com a contenção da doença e tratamentos dos infectados; cargas de longo prazo, como a perda do rendimento que os mortos pela doença poderiam ter ao longo de sua vida, bem como custos indiretos, o que inclui quaisquer eventos que acarretem diminuição do Produto Interno Bruto de um país. A título de exemplo desses ônus, uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aponta que, de 1,3 milhões de empresas brasileiras que tiveram as atividades encerradas definitivamente ou temporariamente na primeira quinzena de julho de 2020, quase 40% mencionaram as restrições impostas pela pandemia como causa (NERY, 2020). Ainda segundo a instituição, a taxa de desemprego, que registrava 11,1% no último trimestre (outubro-novembro-dezembro) de 2019, atingiu a casa dos 14,9% nos períodos de julho a setembro de 2020 e janeiro a março de 2021, representando a maior taxa de desemprego desde o início da série histórica - divulgada a partir de 2012.

O setor bancário, considerando-se os impactos negativos causados às empresas e pessoas para as quais presta serviços, foi um dos setores intimamente afetados pela pandemia de COVID-19, tendo o resultado dos principais bancos brasileiros sofrido efeitos negativos já nos primeiros trimestres do ano (QUEIROZ, 2020). No primeiro trimestre de 2020, por exemplo, os três maiores bancos privados do país (Itaú, Bradesco e Santander) tiveram, em conjunto, quedas substanciais no seu lucro líquido, na casa dos 30%, comparativamente ao mesmo período do ano anterior (MOREIRA; FURLAN, 2020).

As consequências de eventos sanitários de tal magnitude são severos sobre a economia mundial e sobre os bancos, como pode ser verificado na crise causada pela gripe espanhola, no século passado, cujo efeito, apesar de não ser tão claro e ser confundido com os efeitos da Primeira Grande Guerra, foi estimado por alguns especialistas em impacto negativo direto de 6% no PIB mundial (MÉDICI, 2020), ao passo que foi observado também o fechamento das portas de bancos e outros estabelecimentos por falta de funcionários ou clientes (ROCHA, 2021).

Desta maneira, tendo em vista a relevância da COVID-19 e seu impacto sobre diversos setores da economia, faz-se o objetivo geral deste trabalho: analisar os impactos da crise sanitária causada pela COVID-19 nos resultados das maiores instituições de crédito brasileiras durante os anos de 2020 e 2021.

De acordo com King e Levine (1993), existe uma forte correlação entre o desenvolvimento das atividades financeiras e concessão de crédito e o desenvolvimento da economia. Galeano e Feijó (2012) corroboram, ressaltando que menor retenção de recursos gera maior liquidez dos ativos, maior nível de crédito, acarretando maior investimento e dinamismo.

Após a mencionada queda de 3,9% no fatídico ano sobre o qual houve a eclosão do vírus Sars-Cov-2, a economia apresentou recuperação, crescendo 4,6% no ano fechado de 2021, saindo de um período de recessão técnica a partir do último trimestre do ano (ALVARENGA; MATOS, 2022). Note-se, contudo, que foi um ano de recuperação imediatamente após alto declínio. É interessante salientar também que, a partir da série histórica divulgada pelo IBGE (2022), o crescimento ainda se encontra em 2,9% abaixo do primeiro trimestre de 2010 (taxa acumulada de 4 trimestres), período de maior crescimento da série. Em 2022, o segundo trimestre, que acumula os resultados dos últimos quatro trimestres, observou apenas 2,6% de crescimento. Tais fatos suscitam o entendimento, haja vista as oscilações e níveis de crescimento potenciais atingíveis pela economia brasileira, do nível de importância que deve ser atribuída às instituições de crédito, fortes aliadas do crescimento econômico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Bancos, Crédito e Crises

Os bancos são instituições especializadas na gestão de recursos monetários, sendo necessários à evolução da eficiência de seu uso. De acordo com Assaf Neto (2018), podem ser divididos em bancos comerciais, bancos múltiplos, bancos de investimento e bancos de desenvolvimento. Apesar das diferenças existentes em termos de abrangência, finalidade e alguns tipos de operações dessas distintas modalidades de bancos, de acordo com Abreu e Silva (2017), assim como outras instituições do Sistema Financeiro Nacional, essas instituições têm o a função de intermediar recursos de onde sobra para onde falta, melhorando a atividade produtiva. Mollo (2011, p.481) reafirma e explica a notória relevância dessas instituições, cujo produto principal, o crédito:

[...] potencializa a acumulação de capital, ampliando o ritmo e a escala da produção, ao antecipar a compra da força de trabalho e dos meios de produção sem esperar a realização da mais-valia, sua transformação em lucro ao final de cada ciclo, para fazer tal ampliação.

Nota-se, pela sua abrangência, que o mercado financeiro, no qual os bancos se inserem, é uma organização robusta a qual, contudo, não é imune a perturbações. Lewis (2018) aponta uma crise como um evento não-rotineiro e inesperado que pode criar incertezas e ameaçar os objetivos prioritários de uma organização, podendo-lhe ser uma ameaça corrente ou potencial. Para Etzioni (1989), o conceito de organização pauta-se em uma unidade social, que possui objetivos comuns e têm por razão seguir esses objetivos, sendo estruturada para tal. Sob essa ótica, entendendo-se o mercado financeiro como uma organização, pode-se esperar que uma crise, se ocorrida em escala regional, nacional ou internacional, pode resultar em impactos negativos, de difícil previsão integral, haja vista a visão de Coombs (2012, p. 2), que racionaliza a crise como “a percepção de um evento imprevisível que ameaça expectativas importantes de *stakeholders* e pode impactar seriamente a performance de uma organização e gerar resultados negativos”.

Bresser-Pereira (2009), salienta que a crise financeira marca o fim de um período de crescimento econômico e traz consigo um período de endividamento. Ressalta ainda que, um quadro de crise financeira sistêmica só é configurado quando há uma crise de crédito, somado a uma crise de confiança do mercado, como desconfiança por parte dos que assumem dívidas (empresas, pessoas físicas ou governo) ou por parte de quem tem ativos, em razão da dúvida quanto às expectativas de risco-retorno.

Há um exemplo muito próximo de crise financeira, em âmbito temporal, que pode ser encontrado na literatura contemporânea para exemplificar tal discurso: a crise do Subprime, cujo estopim remonta a setembro de 2008, nos Estados Unidos. Freitas (2009) discorre sobre a situação, explicando como a crise interna de liquidez ocorrida por causa das facilidades de financiamento imobiliário de alto custo que geraram, em certo ponto, muita inadimplência em uma ponta e consequente queda nos títulos lastreados nessas dívidas na outra – impactou os bancos, a sociedade e o mercado financeiro mundial.

Para os bancos, Freitas (2009) cita que o evento levou, por exemplo, à quebra do grande e tradicional banco de investimentos Lehmann Brothers, gerando alarde global pela retração na liquidez da maior economia do mundo. A sociedade norte-americana, por sua vez, sofreu com uma taxa de desemprego na casa dos 9,3% em 2009, alta se comparada à taxa média de 5% entre 1999 e 2007, além de uma queda de 2,6% no seu PIB, que crescia, no intervalo de tempo mencionado, 3,1% ao ano (INDEX MUNDI, 2018). No Brasil, a exemplo de impacto externo aos EUA, houve forte retração do crédito perpetrada pelo Banco Central de maneira austera e com fins de prudência, frente à crise americana. Isso gerou iminente desaceleração econômica e desemprego, após períodos prósperos. Freitas (2009, p.132) explica:

A crise internacional atingiu a economia brasileira em um momento de auge, quando completava uma sequência de seis trimestres de crescimento em aceleração. Nesse contexto, no qual as empresas produzem mais e planejam novos investimentos, o crédito bancário é essencial tanto para o giro como para a expansão da produção. Na reversão das expectativas, os bancos reagiram com excesso de prudência e retraíram fortemente o crédito, levando as empresas a rever os planos de produção e de investimento. O resultado foi a rápida desaceleração da atividade econômica no último trimestre do ano.

A análise de Freitas (2009) deixa claro, assim, os reflexos internacionais de crises ocorridas em sistemas financeiros domésticos, completando essa revisão sobre a crise do Subprime, a qual, ademais, ilustra o nível de severidade dos impactos de crises sobre sistemas financeiros locais e sobre a sociedade por eles abrangida.

A destrutividade de crises financeiras, contudo, não necessariamente tem por origem algum evento financeiro, como a crise do Subprime. Historicamente, a economia mundial sofreu também devido a crises diplomáticas que levaram a guerras, como as primeira e segunda grandes guerras, e crises sanitárias. Conforme Qiu et al. (2017), o Ebola, doença de origem africana que atingiu 5 países do continente Africano a partir de 2014, além das mortes, gerou cerca de 6 bilhões em custos diretos (hospital, medicamentos e profissionais), 15 bilhões em perdas econômicas para os três países inicialmente atingidos (Serra Leoa, Guiné e Libéria).

Ressalte-se que o exemplo anterior e seus impactos fazem parte de uma epidemia, e não de uma pandemia – cujos impactos são ainda mais severos, como os da já citada gripe espanhola, estimados em -6% para o PIB mundial (QIU et al., 2017). De acordo com McKibben e Sidorenko (2006), estima-se que uma pandemia possa gerar custos econômicos entre USD 374 bilhões, para uma pandemia considerada leve, e USD 7.3 trilhões para uma severa (QIU et al., 2017).

2.1.1 Covid-19 e impactos no Brasil

A magnitude da situação trazida pela COVID-19, portanto, torna-se evidente. A pandemia de COVID-19, decretada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, surtiu efeitos nefastos nos mais diversos aspectos - sociais, econômicos, mas, sobretudo, sobre a saúde. No Brasil, de acordo com o relatório da Organização das Nações Unidas (WHO, 2022), no dia 24 de outubro de 2022, já foram contabilizados trinta e quatro milhões, setecentos e noventa e nove mil, trezentos e vinte e quatro (34.799.324) casos de Covid-19, acumulando um total de seiscentos e oitenta e sete mil, setecentos e dez (687.710) mortes.

Fortes efeitos também foram sofridos pela economia, por conta de diversas medidas contenciosas prudenciais para frear o alastramento da COVID-19 em regiões brasileiras (BOMFIM; REIS; SILVA, 2021), as quais são observáveis em pandemias, como a estrita limitação de viagens, fechamento de escolas, comércios e clubes de esporte (QIU et al., 2017), além da aversão a risco de grandes bancos, o que desacelera as engrenagens do sistema econômico.

Somam-se a isso medidas restritivas como o *lockdown*, definido por Tavella et al. (2021) como medidas que levam à redução de mobilidade humana, normalmente feitas por decretos ou leis municipais, as quais incluem ações que vão desde o fechamento parcial ou total de comércios e serviços, chegando ao impedimento da circulação humana nas ruas e avenidas de cidades. Tais medidas foram amplamente discutidas por diferentes instâncias de governo e adotadas por algumas cidades, como São Luiz (MA), Fortaleza (CE) e Recife (PE). Essa pauta restritiva, que é motivo de grande divisão de opiniões entre os cidadãos brasileiros, gerou efeitos sobre a situação econômica pela menor circulação de pessoas, resultando em efeito cascata com a queda no consumo, produção, investimentos e crédito.

Sumariamente, em decorrência dos efeitos sobre os negócios das diversas empresas e cidadãos, a economia brasileira surtiu forte retração no ano pandêmico. Segundo o IBGE (2022), o Produto Interno Bruto do Brasil teve uma queda de 3,9% em 2020 frente ao ano anterior. A queda verificada em 2020 contempla a menor taxa anual da série histórica, iniciada no ano de 1996. Atividades como o Comércio (-3,1%), Transporte, Armazenagem e Correio (-9,2%) e Indústria (-3,5%) ilustram os severos impactos do ano, influenciados pela crise sanitária global (IBGE, 2021).

Segundo estatísticas oficiais da Organização Mundial da Saúde, o primeiro caso confirmado de COVID-19 no Brasil ocorreu no dia 24 de fevereiro de 2020, enquanto os primeiros óbitos foram registrados no dia 16 de março de 2020. Do total de mortes acumuladas até o dia 24 de outubro de 2022 (687.710), 90% ocorreram dentro do período de 16 de março de 2020 e 27 de dezembro 2021.

2.2 Indicadores econômico-financeiros e as crises em Instituições Financeiras

Mendonça, Souza e Campos (2016) afirmam que a criação de indicadores financeiros, com base nos números encontrados nos demonstrativos contábeis, é um método bastante usado

para a análise do desempenho de organizações. O autor deixa claro que a análise desses indicadores busca permitir ao analista extrair tendências, comparativas a índices pré-estabelecidos, o que pode favorecer a tomada de decisões. O desempenho financeiro, mencionado pelo autor, segundo Almajali et al. (2012) *apud* MARINS (2022) é analisado levando-se em consideração a utilização dos recursos pela empresa, podendo assim ser utilizado para analisar a sua gestão.

De acordo com Assaf Neto (2018), indicadores de análise auxiliam na avaliação dos reflexos do desempenho da empresa sobre o valor de mercado de suas ações, por exemplo, tendo por intuito oferecer parâmetros para que analistas de mercado, investidores e acionistas em geral possam tomar decisões financeiras. Franco (2021) aponta que as origens dos indicadores financeiros, calculados com base em dados extraídos da informação contábil, acaba por torná-los parte integrante da informação contábil.

Indicadores financeiros fornecem insumos não só para a análise financeira individual: pesquisas como a de Kosmidou, Tanna e Pasiouras (2005) investigam impactos de diversos fatores, como características específicas de bancos, condições macroeconômicas e outros sobre os lucros de bancos comerciais ingleses, demonstrando a relevância para estudos que agregam instituições diferentes, permitindo o estabelecimento de padrões comparativos para análise.

O presente estudo buscou abordar indicadores abrangidos em análises científicas referentes ao desempenho financeiro de instituições financeiras sob o escopo de crises de impacto generalizado para o mercado financeiro, sejam financeiras, sanitárias etc. O quadro 2 sumariza os indicadores abordados na análise proposta neste estudo:

Quadro 1: Indicadores analisados

Indicador	Fórmula
Índice de Basileia	PR/RWA
ROE	LL/PL
ROA	LL/AT

Fonte: Martinelli (2011); Beldel (2022); Moreschi et al. (2018) e Franco (2021).

Para analisar se houve possíveis impactos da pandemia na manutenção do capital da amostra de empresas selecionada foi escolhido o Índice de Basileia. Jokipii e Milne (2011) esclarecem que requerimentos de capital têm se tornado um dos principais instrumentos das regulamentações bancárias para providenciar um colchão de segurança durante condições econômicas adversas, bem como um mecanismo de prevenir tomada de riscos excessivos por parte dos bancos. O Índice de Basileia tem por objetivo a manutenção de nível mínimo de solvência dos bancos comerciais, em escala internacional (SILVA; FERREIRA, 2016). Martinelli (2011) pontua que o índice estabelece uma relação entre o nível de capital que a instituição deve possuir para cobrir o nível de ativos ponderado pelo risco, devendo as instituições financeiras respeitarem o mínimo requerido de 11% no Brasil. Esse índice é obrigatoriamente divulgado pelas instituições financeiras em seus demonstrativos financeiros. Fórmula: Patrimônio de referência / Ativos ponderados pelo risco.

Outro indicador abrangido foi o ROA. De acordo com Trujillo-Ponce (2013), o indicador financeiro ROA (*Return on Assets* – Retorno sobre os ativos), demonstra a relação entre o lucro líquido o ativo total das empresas, e talvez seja o mais importante indicador para comparação da eficiência e performance operacional de bancos. Ele indica o retorno gerado a partir dos ativos que o banco financia indicando, principalmente, eficiência de gestão. Fórmula: Lucro Líquido / Ativo Total.

O ROE (*Return on Equity* – Retorno sobre o Patrimônio Líquido), por sua vez, dispõe a relação entre o lucro líquido e o patrimônio líquido total, apontando aos acionistas os resultados do valor registrado dos seus investimentos na empresa. Trujillo-Ponce (2013) também discorre sobre o ROE, pontuando tratar-se de uma medida de retorno sobre os fundos aportados por detentores de capital da empresa. Fórmula: Lucro Líquido / Patrimônio Líquido.

Beldel (2022), entendendo, sob a visão de um investidor, a importância de avaliação das entidades financeiras previamente à alocação dos recursos, buscou trazer à luz a discussão dos impactos da COVID-19 sob bancos brasileiros, abrangendo o período de 2017 a 2021. O trabalho

abrangeu uma amostra de 10 instituições financeiras e analisou um rol de indicadores financeiros calculados sob uma base anual por instituição. Indicadores como liquidez imediata e encaixe voluntário apresentaram discrepâncias na variação para as instituições financeiras, algumas com variação positiva e, outras, negativa. A Margem líquida se destacou pela variação positiva no setor. Os indicadores que culminaram com os usados no estudo aqui realizado foram o ROA e o ROE; enquanto o primeiro apresentou variações nos resultados, negativos para metade das instituições e positivos para a outra metade, o ROE apontou variação positiva para a maioria das instituições.

Franco (2021), também compreendendo a relevância dos bancos para o mercado de capitais, realizou uma pesquisa com o intuito de analisar os impactos da COVID- 19 sobre os indicadores financeiros de um rol de 24 instituições financeiras, também sob um escopo anual, nesse caso, sob análise da média de tais indicadores. Seus resultados, que compreenderam o período de 2015 a 2020, evidenciaram também que a pandemia surtiu impactos diversos sobre as diferentes instituições e indicadores do setor bancário; indicadores de liquidez corrente e geral apresentaram as maiores médias no ano de 2020, enquanto se notou redução no indicador de margem líquida e outros correlacionados. Para ambos, ROE e ROA, a pesquisa encontrou quedas no ano de 2020, comparativamente a 2019, ano em que, também, foram observados os mínimos de rentabilidade em sua análise descritiva, demonstrando impactos negativos dos indicadores no ano de 2020.

Moreschi et al. (2018), por sua vez, analisaram os impactos da crise financeira de 2008 sobre instituições bancárias brasileiras, pesquisa galgada pelo entendimento do quão relevantes as instituições financeiras se fazem para a manutenção do sistema econômico capitalista. A pauta incluiu 21 bancos brasileiros, e compreendeu o período anual de 2006 a 2010. Sete indicadores econômico-financeiros foram analisados, com enfoque sobre a média da amostra, entre os quais figuraram o ROE e o ROA. Os resultados mostraram que não houve diferenças significativas nos três indicadores que abrangeram liquidez e participação de capital de terceiros, mas que houve impactos negativos significativos nos de rentabilidade. O ROE médio apresentou queda de 15,3% de 2010 contra 2006, sendo que chegou a mostrar 34,1% de queda comparando-se 2009 contra 2007. O ROA médio, por sua vez, variou negativamente em 16,7% comparando-se 2010 contra 2006.

Também à luz da crise financeira de 2008, Martinelli (2011) pesquisou a respeito dos impactos ocorridos sobre as maiores instituições bancárias brasileiras, contudo, enfocando o Índice de Basileia. Em consonância com o presente trabalho, seu estudo realizou a análise sob um escopo trimestral, mas diferiu ao buscar verificar as diferenças individuais entre os índices. Martinelli (2011) abordou o Índice de Basileia de 7 entre as 10 maiores instituições financeiras do Brasil em 2010, compreendendo o período do primeiro trimestre de 2006 ao quarto trimestre de 2010. Em análise final, constatou que o impacto da crise externa foi pequeno sob os bancos brasileiros analisados, e atribuiu o fato à leitura de que a supervisão e regulamentação das autoridades monetárias sobre a situação das instituições financeiras foi efetiva.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa se classifica como descritiva, cuja abordagem considerou a observação, devido registro, classificação, análise e interpretação de fatos observados, sem que o pesquisador interferisse nos dados, buscando permitir que suas características fossem expostas, bem como suas propriedades ou mesmo relações (GIL, 2009).

O método de coleta de informações utilizado foi secundário, classificado como documental, dado que se baseou na “busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p.69), sendo, nesta pesquisa, os relatórios financeiros divulgados pelas entidades analisadas. Para Herling et al. (2013, p.118):

No que se refere às pesquisas financeiras, elas têm um caráter quantitativo por se utilizarem de variáveis quantificáveis como lucro, rentabilidade, percentagens de

estrutura de capital, indicadores de liquidez, níveis de capital de giro, dentre diversos outros indicadores apresentados por essa área da Administração.

Deste modo, entende-se que a pesquisa apresentou características quantitativas, dado que se baseou na análise de indicadores financeiros calculados, bem como na sua devida avaliação estatística. O Relatório da Economia Bancária do Banco Central do Brasil (2022), conforme mencionado na sessão introdutória, apontou alta concentração do crédito na carteira de cinco instituições financeiras. Entendendo-se esta realidade; conseqüente relevância social dessas instituições e considerando-se a substancialidade dos impactos da pandemia de COVID-19 na sociedade brasileira, inicialmente, o enfoque desta pesquisa foi pautado na análise comparativa dos indicadores financeiros dessas instituições, antes e depois da pandemia, instituições estas que compreendem os bancos Bradesco, Banco do Brasil, Itaú, Santander e da Caixa Econômica Federal em um âmbito trimestral.

Contudo, ao longo da coleta de dados, observou-se que a instituição financeira Caixa Econômica Federal não realiza a abertura das demonstrações financeiras trimestrais em IFRS (International Financial Reporting Standards), metodologia contábil que padroniza a contabilização de informações financeiras, de modo que os resultados encontrados na análise poderiam perder comparabilidade com os números encontrados para as outras instituições financeiras. Deste modo, a instituição foi retirada da análise, a qual baseou-se nos indicadores financeiros das demais instituições.

A princípio, o estudo perseguiu abranger um apanhado de indicadores financeiros (quadro 3), levantado com base em outras pesquisas feitas a respeito dos impactos financeiros em instituições financeiras sob a ótica de crises, cuja análise seria feita, nesta pesquisa, para identificação dos impactos da COVID-19 nas finanças das companhias:

A lista seguinte apresenta os indicadores cuja análise foi pretendida, sob a ideia original de pesquisa, for fórmula e as fontes inspiradoras:

Quadro 2: Indicadores inicialmente propostos

Indicadores de manutenção de capital	
Indicador	Fórmula
Índice de Basileia	PR/RWA
Indicador de qualidade de crédito	
Qualidade da carteira de crédito	Prov. créd/Operações de Crédito
Indicadores de rentabilidade	
Margem Líquida	LL/Rec Int Fin
ROE	LL/PL
ROA	LL/AT
Análise de Liquidez/Solvência	
Liquidez Geral	AT/PC+PNC
Participação de empréstimos	Operações de crédito/Ativo total
Liquidez Imediata	(Disponibilidades+aplicações interfinanceiras de liquidez) /Depósitos à Vista
Nível de empréstimos sobre depósitos	Operações de crédito/Depósitos Totais

Fontes: Martinelli (2011), Miranda (2008), Kosmidou, Tanna e Pasiouras (2005); Marins (2022), Beldel (2022), Moreschi et al. (2018), Franco (2021) e Matarazzo (2003).

Contudo, ao longo da coleta de dados – que foi realizada através da plataforma de relatórios estruturados encontrada na B3 com o auxílio das notas explicativas das empresas encontradas também no site da instituição -, foi identificado que o método de apresentação das informações financeiras para diversas das contas contábeis utilizadas para o cálculo dos indicadores financeiros foi alterado ao longo dos períodos para algumas das instituições, de forma que isso impossibilitaria realizar a adequada convergência dos valores de tais contas entre os períodos, o que afetaria a comparabilidade dos indicadores financeiros, cujos números não estariam considerando uma composição devidamente equiparável. Dessa maneira, foi realizada a

identificação de quais indicadores financeiros teriam uma base comparável para análise dos dados, cuja informação ou contas contábeis para cálculo pudessem ser encontradas sem sinais de variação que viessem a comprometer a análise. Após esta análise, a seleção considerou os indicadores conforme foi demonstrado no quadro 2.

Deste modo, após a coleta de dados dos demonstrativos financeiros, classificação e cálculo dos indicadores financeiros, deu-se início ao processo analítico. Para realizar a análise dos impactos da COVID-19 nos bancos foi realizado um teste *t de Student* para identificação de diferenças estatisticamente significativas na média dos indicadores obtida para o período anterior ao advento da pandemia e para o período que a compreendeu. Casado (2013, p.22) ressalta que:

O teste t para duas amostras é usado quando temos duas condições e precisamos saber se as diferenças entre as médias das amostras são grandes o suficiente para que se possa concluir que as diferenças ocorrem somente devido à variável independente. Ele avalia as diferenças significativas entre as médias $\mu_1 - \mu_2$ das duas condições.

Desta forma, o teste comparou as médias dos indicadores que compreenderam o período desde o primeiro trimestre de 2016 até o quarto trimestre de 2019 (pré-pandêmico), e o período em que houve maior concentração de mortes desde o início da pandemia - tratado como pandêmico -, que foi do primeiro trimestre de 2020 ao último trimestre de 2021. O teste foi elaborado para cada indicador financeiro analisado, por banco.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para a análise dos resultados, os indicadores financeiros foram extraídos ou calculados com base em números advindos diretamente dos relatórios financeiros trimestrais consolidados das instituições financeiras abrangidas, relatórios que foram obtidos através do repositório de relatórios financeiros encontrado no site da B3. Ao todo, 96 relatórios financeiros foram visitados, 24 para cada banco. As contas que compuseram as fórmulas foram planilhadas no Excel, ferramenta por meio da qual foram calculados os indicadores passíveis de cálculo e imputados os indicadores prontos (Índice de Basileia), bem como rodados os testes estatísticos. A análise compreendeu uma comparação, via teste de médias, de dois cenários distintos; o pré-pandêmico, englobando os indicadores calculados com base em todos os trimestres de 2016 a 2019, e o pandêmico, que considerou os trimestres desde 2020 até 2021.

O teste *t de Student*, que é um teste de hipóteses, foi elaborado buscando-se verificar a veracidade da hipótese nula - alegação inicialmente tida como verdadeira, segundo Casado (2013) -, de que a diferença de médias entre os dois períodos, pré-pandêmico e pandêmico, é igual a 0. O teste levou em consideração o nível de significância (α) de 1%. Sobre essa significância aplicada no estudo, Casado (2013, p.19) explica o sentido, notando que utilizar este nível de significância, em outras palavras, significa “[...] dizer que existe uma confiança de 99% de que se tome a decisão certa”.

Com o intuito de simplificar a visualização dos resultados obtidos, as tabelas que seguem apresentam, como resultado da aplicação do teste, o p-valor calculado para os testes estatísticos. Casado (2013) explica que o número de p-valor exprime o valor do poder do teste, ou seja, trata-se do nível de significância observado para o teste estatístico que, portanto, é um valor cujo significado se faz claro sob a referência do nível de significância (α). Assim, se p-valor $\leq \alpha$, a hipótese nula é rejeitada, no caso, a hipótese de igualdade entre as médias dos períodos (e não rejeitada em caso de p-valor $> \alpha$).

A seguir a análise discorre sobre os achados da pesquisa, organizados por indicador financeiro, os quais foram calculados e testados para cada instituição.

Figura 1: Teste t de Student (ROE)

ROE						
	média pré-pandemia	média pandemia	Teste-F	Pressuposto	p-valor	Interpretação
Banco Bradesco	4,00%	3,43%	0,396877	variâncias equivalentes	0,179751	Sem diferenças de médias
Banco do Brasil	3,19%	3,04%	0,107227	variâncias equivalentes	0,674743	Sem diferenças de médias
Banco Itaú	4,57%	3,48%	0,000004	variâncias diferentes	0,202895	Sem diferenças de médias
Banco Santander	3,15%	3,47%	0,195757	variâncias equivalentes	0,398468	Sem diferenças de médias

Fonte: Elaboração própria.

Exceto para o Banco Santander, para todas as instituições financeiras, é possível observar a diminuição absoluta na média do ROE durante o período da pandemia em comparação à média dos anos anteriores, em especial para o Banco Itaú, que apresentou a maior queda, -23.8%. Em seguida, notou-se quedas nos bancos Bradesco (-14,25%) e Banco do Brasil (-4.7%). Contudo, na contramão, o Banco Santander demonstrou ligeiro aumento médio, acrescido 10% na comparação média de 2020 a 2021 contra a de 2016 a 2019. A tendência de tais resultados de variação corrobora o trabalho de Moreschi et al. (2018), o qual denotou diminuição absoluta no indicador médio dos bancos após os efeitos da crise em comparação ao período anterior à crise.

Estatisticamente, entretanto, foi observado que nenhum dos bancos testados apresentou diferenças significativamente relevantes nos retornos médios entre o período da pandemia e o pré-pandêmico, não podendo-se rejeitar a hipótese nula e atestar diferença de médias, as quais se apresentaram, estatisticamente, iguais. Isso pode ser um indicativo da resiliência das instituições financeiras sob épocas de crises. O trabalho de Beldel (2022) reportou uma diferença absoluta, na realidade, positiva no ano de 2021 contra o de 2017. O resultado de Beldel (2022) não necessariamente se contrapõe ao resultado desta pesquisa, dados os diferentes métodos de análise estatística e períodos de análise abordados em ambas.

Figura 2: Teste t de Student (ROA)

ROA						
	média pré-pandemia	média pandemia	Teste-F	Pressuposto	p-valor	Interpretação
Banco Bradesco	0,37%	0,31%	0,321876	variâncias equivalentes	0,106414	Sem diferenças de médias
Banco do Brasil	0,22%	0,22%	0,21854	variâncias equivalentes	0,777327	Sem diferenças de médias
Banco Itaú	0,44%	0,27%	0,000025	variâncias diferentes	0,026526	Sem diferenças de médias
Banco Santander	0,42%	0,40%	0,156138	variâncias equivalentes	0,63699	Sem diferenças de médias

Fonte: Elaboração Própria.

A média para o retorno sobre o ativo total das empresas analisadas apresentou queda comparativa (ou manutenção) para todas as empresas analisadas. O Banco Itaú, mais uma vez, surtiu o pior retorno sobre o ativo; os resultados foram 38,4% menores quando diretamente comparados ao período pré-pandêmico. Novamente, foi seguido pelo Banco Bradesco, retraído 17,4% contra o ano anterior, com queda também no resultado comparado do Banco Santander (-5,2%). O Banco do Brasil, por sua vez, manteve resultados próximos nos dois períodos. Esta análise geral, puramente descritiva, ainda que em um âmbito trimestral, veio de encontro aos resultados obtidos por Franco (2021, p. 10): “A diferença de rentabilidade entre os anos de 2019 e 2020 sugere que de um período para o outro os acionistas perderam retorno sobre seu investimento comparando com o valor total do ativo”. Os resultados de Moreschi et al. (2018) também apontaram decréscimo relevante entre o período anterior à crise e o considerado afetado pela crise – mais um resultado de uma análise anual.

Contudo, considerando-se a abrangência e escopo desta pesquisa, da mesma maneira que o ROE, o teste *t de Student* descartou diferenças de médias significativamente relevantes para as instituições, haja vista os resultados apontados pelo p-valor dos testes. A instituição financeira que chegou mais perto de apresentar diferenças de médias significativas foi o Banco Itaú, o qual apresentou p-valor de 0,026 – tal resultado traria uma diferença significativa e atestaria diferenças de médias aos níveis de significância de 5% ou 10%, mas não foi capaz de rejeitar H0 ao nível de significância de 1%. A disparidade encontrada nos resultados de Beldel (2022), sem que tenha havido uma tendência geral entre os períodos que analisou, são corroboradas pelo presente estudo, ainda levando-se em consideração a diferença de escopo.

Figura 3: Teste t de Student (Índice de Basileia)

	Índice de Basileia					
	média pré-pandemia	média pandemia	Teste-F	Pressuposto	p-valor	Interpretação
Banco Bradesco	16,75%	15,28%	0,099607	variâncias equivalentes	0,00512	Diferença de médias
Banco do Brasil	18,35%	19,39%	0,235985	variâncias equivalentes	0,033853	Sem diferenças de médias
Banco Itaú	17,56%	14,23%	0,062143	variâncias equivalentes	0,000001	Diferença de médias
Banco Santander	15,97%	14,68%	0,136515	variâncias equivalentes	0,000695	Diferença de médias

Fonte: Elaboração própria.

A única instituição financeira, dentre as quatro analisadas que variou a média do índice positivamente foi o Banco do Brasil. A instituição apresentou 5% de crescimento no período da crise contra o período pré-crise, em detrimento da diminuição apresentada por todas as outras instituições; -19% para o Banco Itaú (mais uma vez mostrando-se a instituição mais impactada pela crise sanitária); -8,8% para o Banco Bradesco e -8,1% para o Banco Santander.

Não só sob uma visão descritiva da estatística, o teste de hipóteses realizado apontou diferenças significativas entre as médias de três das quatro instituições financeiras analisadas. As instituições financeiras Banco Bradesco, Banco Itaú e Banco Santander, empresas cujo período pandêmico despontou quedas no Índice de Basileia médio, também foram aquelas nas quais houve atestação de diferenças estatisticamente significativas através do teste *t de Student*. Nota-se, contudo, que o Banco do Brasil, apesar de não apresentar diferenças de médias atestadas ao nível de significância de 1%, apresentou um p-valor de 0,03, cuja diferença estatística possivelmente seria atestada sob um teste com nível de significância de 5%. A análise demonstra, assim, que o advento da pandemia de COVID-19 pode, de fato, ter acarretado impactos significativos na manutenção do capital requerido para as instituições financeiras e em níveis negativos.

A análise de Martinelli (2011) apontou impactos baixos da crise sobre o nível de cobertura de capital das instituições financeiras locais. Isso suscita que a crise levantada pelo advento da pandemia teve impactos mais severos sobre instituições financeiras locais – ao menos sobre as maiores – do que a crise do Subprime. Nota-se, que, apesar de nenhuma instituição ter apresentado fuga ao índice de capital mínimo requerido pela regulação local, o período da pandemia apresentou diminuição estatística relevante para a maioria das instituições financeiras analisadas.

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar os impactos da crise sanitária causada pela COVID-19 nos resultados das maiores instituições de crédito brasileiras durante os anos de 2020 e 2021.

A hipótese assumida nesta análise foi a presença de variações estatisticamente significativas para os indicadores financeiros do período que compreendeu a pandemia para o anterior, sob o nível de significância de 1%. Uma análise descritiva, sob comparação direta das

médias entre os períodos, demonstrou variação negativa nos três indicadores para três das instituições financeiras. Entretanto, dentre todos os indicadores financeiros, o ROE e o ROA não apresentaram diferenças estatísticas para nenhuma instituição; somente o Índice de Basileia apresentou diferenças para três das quatro instituições analisadas: as três que apresentaram variação negativa.

O estudo limitou-se às empresas Banco Bradesco, Banco do Brasil, Banco Bradesco e Banco Santander, como representantes das maiores instituições de crédito do Brasil. A ausência de demonstrativos financeiros trimestrais sob os padrões contábeis IFRS limitou a pesquisa de englobar as 5 maiores instituições, sendo o motivo da exclusão da Caixa Econômica Federal. Nota-se, aqui, que o escopo de empresas foi restringido àquelas cujas concentrações de crédito são grandes no Brasil, entendendo-se assim que o estudo não abrangeu uma quantidade estatisticamente robusta para auferir a análise ao setor de crédito em geral, o que poderia trazer resultados diferentes e interessantes dada a abrangência.

Ademais, a pesquisa, que inicialmente se propôs a realizar uma avaliação sob a ótica de diversos indicadores financeiros, teve como impasse a diferente apresentação de determinadas contas contábeis ao longo do período dos relatórios financeiros trimestrais das entidades, o que levou ao encurtamento da quantidade de indicadores analisados.

Tendo em vista os resultados alcançados, sugere-se, uma abordagem mais ampla dos indicadores de análise no que tange à quantidade de empresas analisadas. Seria interessante abordar o Índice de Basileia, o qual demonstrou diferenças estatisticamente relevantes no período analisado para as empresas analisadas. Esta combinação poderia mostrar os impactos para as instituições de crédito brasileiras como um todo – e, conjuntamente com os achados desta pesquisa, possivelmente identificar se os impactos são para o grupo inteiro ou ocorreu para instituições de maior porte, cujos motivos poderiam ser explorados também.

REFERÊNCIAS

ABREU, E.; SILVA, L. **Sistema Financeiro Nacional**. 1. ed. São Paulo: Método, 2017.

ALVARENGA D.; MATOS T. **Brasil sai da recessão técnica no 4º trimestre e PIB cresce 4,6% em 2021**. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/04/pib-do-brasil-cresce-46percent-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2022.

ARAÚJO, A. P. U.; MENDES, J. S. Análise da Rentabilidade no Setor Bancário Brasileiro. **Revista Linceu On-Line**, v. 8, n. 1, p. 76-91, 2018.

ASSAF NETO, A. **Mercado Financeiro**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília:BCB, 2021. Disponível em: <[https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomiabancaria/reb_2021.p df](https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomiabancaria/reb_2021.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2022.

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancária**. Brasília:BCB, 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomiabancaria/reb_2021.p df>. Acesso em: 08 nov. 2022.

BELDEL, N. N. “**Enquanto uns choram, outros vendem lenços**”? Uma análise da **performance financeira das instituições bancárias listadas na b3 durante a pandemia da COVID-19**. 2022. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Centro Universitário Maria Milza, Governador Mangabeira, 2022.

BOMFIM, H.; REIS, J.; SILVA, B. A Atuação do governo do estado da Bahia sobre os limites da liberdade de locomoção em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista Jurídica da UEFES**, n. 3, Feira de Santana, jul. 2021. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/revistajuridica/article/view/5640/6951>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Crise e recuperação da confiança. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 113, jan./mar. 2009. Disponível em: <<https://centrodeeconomiapolitica.org/repos/index.php/journal/article/download/474/472/913>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CASADO, W. G. **Uma aplicação do teste T Student para grupo de alunos antes depois do PIBIT**. 2013. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Matemática) - Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2013.

COOMBS, W. T. **Ongoing crisis communication: Planning, managing, responding**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2012.

ETZIONI, A. **Organizações modernas**. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

FRANCO, Letícia Nogueira. **Impactos da pandemia de COVID-19 nos indicadores econômicos e financeiros: uma análise do setor bancário**. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2021.

FREITAS, M. C. P. de. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 23 (66), p. 125-145, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/download/10415/12131/13236>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GALEANO, E. V.; FEIJÓ, C. Crédito e crescimento econômico: evidências a partir de um painel de dados regionais para a economia brasileira nos anos 2000. **Revista econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 43, n. 2, p. 201-220, abr./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/issue/viewIssue/40/91>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HERLING, Luiz Henrique Debei et al. A pesquisa quantitativa nas finanças de curto prazo. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v.12, n. 2, p.116-137, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://201.48.93.203/index.php/facesp/article/view/1424/1274>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Séries históricas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego> . Acesso em: 03 nov. 2022.

_____. **PIB a preços de mercado: Taxa acumulada em 4 trimestres (%)**, 1º trimestre 1996 - 2º trimestre 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=pib#evolucao-taxa>. Acesso em: 03 nov. 2022.

_____. **PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R\$ 7,4 trilhões**. Agência IBGE – Estatísticas econômicas, 03 de março de 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

INDEX MUNDI. **Produto Interno Bruto – Estados Unidos**. INDEX MUNDI, 2018. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=66&c=us&l=pt&as_qdr=y15>. Acesso em: 15 nov. 2022.

JOKIPII, T.; MILNE, A. Bank capital buffer and risk adjustment decisions. **Journal of Financial Stability**, 7, p. 165–178, 2011.

KING, R.; LEVINE; R. Finance and growth: Schumpeter might be right. **The quarterly Journal of Economics**, v. 10, n. 3, p. 717-737, 1993.

KOSMIDOU, K.; TANNA, S.; PASIOURAS, F. (2005, June). **Determinants of profitability of domestic UK commercial banks: panel evidence from the period 1995-2002**. In: Money Macro and Finance (MMF) Research Group Conference, v.45, p. 1-27, 2005.

LEWIS, E. **Effects of source and crisis attribution on organisational trustworthiness in news media reporting**. 2018. 65 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Queensland University of Technology (QUT), Brisbane, 2018.

MARINS, V. S. et al. **Impacto da Covid-19 na Performance do Setor Bancário Brasileiro**. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE. São Paulo, 2022.

MARTINELLI, S. **Impacto da crise financeira mundial sobre o Índice de Basileiadas instituições bancárias brasileiras**. 2011. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Negócios Financeiros) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MCKIBBIN, W.; SIDORENKO, A. **Global macroeconomic consequences of a pandemic influenza**. Sydney: Lowy Institute for International Policy, 2006. Disponível em: <<https://cama.crawford.anu.edu.au/pdf/working-papers/2006/262006.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MÉDICI, A. C. **Efeito das pandemias na economia: da gripe espanhola ao COVID-19**. Sincovaga, 2020. Disponível em: <<https://sincovaga.com.br/efeitos-das-pandemias-na-economia-da-gripe-espanhola-ao-covid-19/>>. Acesso em: 26 out. 2022.

MENDONÇA, D. J.; SOUZA, J. A.; CAMPOS, R. S. Análise do desempenho dos maiores bancos brasileiros: um estudo com a análise envoltória de dados (DEA) aplicada a um conjunto de indicadores econômico-financeiros. **Revista Observatório de La Economia Latino-americana**, v. 1, p. 1-13, out. 2016.

MIRANDA, V. L. **Impacto da adoção das IFRS (International Financial Reporting Standards) em indicadores econômico-financeiros de bancos de alguns países da União Europeia**. 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade, FEA/USP, São Paulo, 2008.

MOLLO, M. de L. R. Capital fictício, autonomia produção-circulação e crises: precedentes teóricos para o entendimento da crise atual. **Revista Economia**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 475-496, set./dez. 2011.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. **OMS declara pandemia de coronavírus**. Jornal G1, São Paulo, v. 11, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2022.

MOREIRA, T.; FURLAN, F. **Bancos já sentem efeitos da pandemia e lucros caem no 1º trimestre**. Valor Econômico, 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/financas/noticia/2020/05/04/bancos-ja-sentem-efeitos-da-pandemia-e-lucros-caem-no-1o-trimestre.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2022.

MORESCHI, R. K. et al. Reflexos da crise financeira de 2008 sobre liquidez, capital de terceiros e rentabilidade dos bancos listados na BM&FBOVESPA. **Caderno de Administração**, v. 26, n. 1, p. 60-73, 29 out. 2018.

NERY, C. **Quatro em cada 10 empresas ainda percebem efeitos negativos da Covid-19 na primeira quinzena de julho**. Agência IBGE Notícias, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295-pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas>>. Acesso em: 26 out. 2020.

OLIVEIRA, D. D. **A homogeneidade da rentabilidade bancária em relação a tamanho, origem de capital e operações de crédito**. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e

Contabilidade, University of São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:
<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-27062008-161605/pt-br.php>>.
Acesso em: 25 out. 2022.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

QIU, W. et al. The pandemic and its impacts. **Health, culture and society**, v. 9, p. 1-11, 2017.
Disponível em:
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/9507>>. Acesso em:
01 nov. 2022.

QUEIROZ, M. V. **Resultado dos bancos já impactado pela pandemia**. Antípoda, São Paulo, 10 de maio de 2020. Disponível em: <<http://antipoda.com.br/resultado-dos-bancos-pandemia>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ROCHA, J. **Pandemia de Gripe de 1918**. Fiocruz, 2021. Disponível em:
<<http://www.invivo.fiocruz.br/historia/pandemia-de-gripe-de-1918/>>. Acesso em: 26out. 2022.

ROLO, O. B. **História da inovação no sector bancário**. 2000. 216 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Gestão e Estratégia Industrial) - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2000.

SILVA, S. E. D.; FERREIRA, B. P. Relações entre o Índice de Basiléia e o Nível de Endividamento das Famílias Brasileiras. **Revista Sociedade, contabilidade e gestão**, v. 11, n. 2, p. 7-28, 2016. Disponível em: <<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrrj/article/view/2780/2294>>. Acesso em: 25 out. 2022.

TAVELLA, R. A. et al. Comportamento dos poluentes do ar durante e após lockdown em uma cidade de médio porte. **VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde**, Rio Grande, v. 33, n. 3, p. 62-67, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/vittalle/article/download/13663/9154/45658>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

TRUJILLO-PONCE, A. What determines the profitability of banks? Evidence from Spain. **Accounting and Finance**, v. 53, n. 2, p. 561-586, 2013.

VONG, A. P. I.; CHAN, H. S. **Determinants of Bank Profitability in Macao**. In: Macau Monetary Research Bulletin, Vol. 12, No. 6, p. 93-113, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/AnnaVong/publication/252081427_Determinants_of_Bank_Profitability_in_Macao/links/53cf51ba0cf2fd75bc59b6e8/Determinants-of-Bank-Profitability-in-Macao.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Brazil: WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard With Vaccination Data**, 26 out. 2022. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>>. Acesso em